ANO XVI — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1940 — N. 6

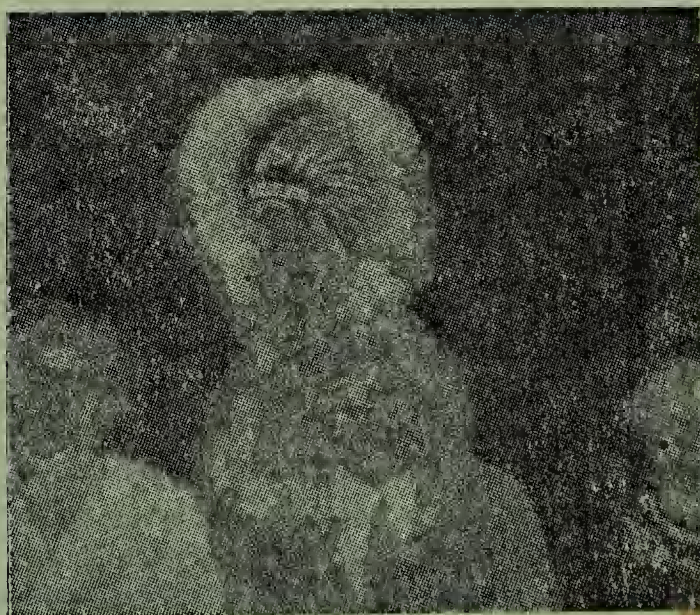
Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Orgão do Centro Espírita «Amantes da Pobreza»

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO



Uma Foto Espírita

ANO XVI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1940 — NUM. 6

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS
Orgão de Propaganda do Centro Espirita «Amantes da Pobreza»

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto n. 17 — Oficinas: Rua Ruy Barbosa

Opiniões de sábios sôbre Espiritismo

(Continuação)



E' um facto evidente que as ciências teem nos últimos tempos marcado pégadas profundas no caminho da evolução.

Para qualquer lado que nos voltemos, para qualquer ramo de conhecimento que reparemos, logo esse fulcro de progresso aparece, e o passado, mesmo próximo, se nos afigura como uma época negra de ignorância.

Passo a passo é preciso rever, reformar programas, refundir noções, regeitar preconceitos, que apenas se alimentavam sugando num passado tradicional e falso.

Mas essa transfusão de seiva nova, de conquista última, é a condição essencial da vida, do dinamismo do progresso.

Não pode haver barreiras para o espírito humano. Ele tem contemplado esta secular marcha ascencional, êle tem visto que o ídolo de ontem tem muitas vezes uma duração efêmera, para em seguida ser apeado e passar á categoria de escombro de implacável derrocada.

A força indagadora é uma caraterística do nosso espírito, que perenemente o estimula, que o não deixa adormecer e o tem impelido, através dos séculos, a acometer os maiores problemas—força latente indômita que o tem acompanhado sempre na marcha ascencional da sua evolução.

As possibilidades materialmente permitidas de ontem, não são as possibilidades de hoje.

A história nos fala bem alto dos sucessivos descobrimentos humanos.

O que num período anterior parecia materialmente impossível, logo no seguinte se torna numa conquista indiscutível, num conhecimento tão banal, que mal podemos compreender como durante tantos séculos êle fosse desconhecido ou contrariado.

Em artigos anteriores, vimos o veridictum de sábios de fino quilate sôbre o assunto que nos ocupa, hoje vamos mencionar outros e as conclusões a que chegaram.

C. A. Bodisco. — Filho dum antigo embaixador da Russia nos Estados Unidos; foi Secretário dessa Embaixada e representante de seu país na Exposição de Filadelfia (1876). Foi Camareiro do Imperador.

Sua obra «Traits de Lumiére», contém suas investigações espiritistas de 1878 a 1882. Esta obra foi dedicada aos incrédulos e aos egoístas.

Teve a original idéia de colocar, no princípio de sua obra, um atestado médico declarando que o autor

estava em pleno gozo de suas faculdades mentais.

Challis. — Professor de Astronomia na Universidade de Cambridge. Em carta publicada no periódico *Clerical Journal*, disse:

«Em resumo, os testemunhos relativos aos fenômenos espíritas são tão numerosos e concordantes, que ou se aceita estes factos ou se desdenha por completo o testemunho dos homens».

Mapes. — Sábio norte americano, professor de química na Academia Nacional dos Estados Unidos.

Ao princípio, como R. Hare, combateu o Espiritismo.

«Quando vi — disse êle — que alguns amigos meus estavam entregues á magia moderna, resolvi investigar o que de real poderia haver, *para salvar homens respeitáveis e ilustres* que estavam a *caminho da imbecilidade.*»

Como resultado de tão humanitária emprêsa, tambem êle caiu na imbecilidade de que pretendia salvar seus amigos.

Thury. — Professor da Academia de Genebra, membro da Sociedade Física e de História Natural.

Em 1855 publicou um folheto, «Les tables tournantes», em que descreve as experiências realizadas por M. Gasparin e os que êle mesmo efetuou com vários amigos íntimos.

Êle afirmou que os fenômenos eram reais.

«Sua realidade está estabelecida» — diz êle, e acrescenta: — «Não podendo demonstrar sua impossibilidade *a priori*, ninguem tem o direito para tratar de absurdos os testemunhos sérios que os afirmam.

Hoeffler e Goldschmidt — Flammarion, em carta dirigida á Sociedade de Dialética de Londres, diz:

«A hipótese espírita foi aceita por muitos dos nossos mais distintos sábios, entre outros, pelo sr. Hoeffler, o eminente autor da «História da Química» e da «Enciclopédia Geral», e pelo laborioso trabalhador, no campo dos descobrimentos astronômicos, cuja mórte deplorámos recentemente, Mr. Hermam Goldschmidt, o qual descobriu quatorze planeta» (Report on Spiritualismo of the London Dialetical Society).

Nassan W. Senior. — Chefe da Chancelaria e professor de Economia da Universidade de Oxford.

Convenceu da verdade do Espiritismo, e em sua obra «Historical and Philosophical Essais», diz, referindo-se a suas observações:

«E' indubitável que estes fenômenos devem ser estudados cuidadosamente. Antes do fim deste século, chegarão a formar uma ciência».

Cronwel F. Varley — Engenheiro chefe das companhias Inglesas de Telegrafia, ao qual se deve o primeiro cabo submarino, membro da Sociedade Real, inventor do condensador elétrico.

Suas cartas sôbre os fenômenos dirigidos a Tyndall e a Crooks, excitando estes sábios a estudar o Espiritismo, tiveram grande ressonância na Inglaterra.

«Fomos ridicularizados — diz êle — pelos que não tendo valor para investigar, preferem atacar aquilo que desconhecem por completo».

Conde de Rochas — Coronel de engenheiros e Administrador da Escola Politécnica de França.

Escreveu vários livros sôbre Magnetismo e Espiritismo, sendo o mais curioso «Les forces non definies».

Afirma, em virtude de grande número de fenômenos por êle obtidos, a existência no homem de uma força «cujas manifestações mais elevadas servem para nos pôr em comunicação com sêres cuja natureza se ignora».

P. Barkas – Sábio inglês, professor de Geologia em Newcastle. Consagrou oito anos ao estudo dos fenômenos espíritas e relata suas experiências em uma obra intitulada «Outlines of investigations into modern spiritualism».

«Minhas convicções estão bem amadurecidas — disse — creio que os factos espíritas, não explicados pela Física nem pela Fisiologia, são devidos a agentes invisiveis e inteligentes cuja natureza desconhecemos».

Luiz Figuier — Popular sábio francês, vulgarizador da ciência moderna, diretor de *L'Année Scientifique* e autor de várias obras.

Depois de haver combatido o Espiritismo em sua «História do Maravilhoso», acabou por sustentar, em seu livro «Depois da morte», teorias identicas ás nossas.

«Tenho a certeza — diz — de que existem sêres intermediários entre Deus e o homem. Ignoro em absoluto como podem comunicar-se com a terra; mas o facto da comunicação me parece positivo».

(Continua).

A Volta de Sir William Barrett



Eis o título de um importante artigo da autoria do eminente filósofo Ernesto Bozzano, originariamente publicado em LA RICERCA PSICHICA. Nós o reproduzimos de «La Revue Spirite», certos de que nossos leitores nele encontrarão a prova da sobrevivência do homem com todos os caraterísticos de sua individualidade.

(Continuação)

Passando a outro têma, convem deter-se um pouco sôbre o fenômeno conhecido, particular á mediunidade de Mrs. Leonard, mediunidade falante em estado de «transe», com frequentes interlocuções de frases ou de palavras que espontaneamente fazem irrupção scb fórma de «voz-direta». E isso nos momentos em que os defuntos comunicantes, que se serviam do espírito-guia «Feda» para a transmissão de seu pensamento, se achavam tão perto da zona da «aura» emanada do médium a ponto de estabelecerem contacto com a mesma zona, determinando a irrupção súbita de frases ou de palavras que se misturavam automaticamente com a «voz-direta». Daí derivam incidentes mui interessantes e instrutivos para a compreensão da modalidade segundo a qual as comunicações se desenvolvem entre os dois mundos.

Eis um exemplo do gênero. O comunicante se manifestara a sua mulher no decurso de outra sessão, pelo médium Mrs. Barkel, afim de lhe fornecer novas provas de identidade pessoal, que consistiam em recordar, por intermédio da nova sensitiva, conversações tidas com Mrs. Leonard, provando desta maneira a própria independencia espiritual dos dois médiuns.

Na sessão que se seguiu com Mrs. Leonard, êle recordou a Mrs. Barrett as provas obtidas com Mrs. Barkel. Ele observou em seguida:

«Abstração feita do médium aquí presente, o outro é o melhor que tenho encontrado. Que lástima, pois, que seu poder mediúnico se mantenha eficiente por tão pouco tempo! Eu estava prestes a retirar-me, porque são essas bruscas flutuações, na capacidade e transmissão, as que determinam as interferências da subconciência. *O contrôle era um Hindú* (esta última frase veio por «voz-direta»).

Ao mesmo tempo, «Feda» continuando a transmitir o pensamento do comunicante, ignorando o que se passara pela «voz direta», termina fazendo observar: «*Ele diz que o contrôle era um Oriental*».

Lady Barrett: — Ouvi tua voz: Tu dizias: «O contrôle era um Hindú».

O comunicante: — Tu ouviste minha voz, e o médium, pelo contrário, percebeu meu pensamento e o traduziu em palavras. *A palavra Hindú era correta.* Esta última frase foi novamente pronunciada pela «voz direta».

Nesse diálogo entre três pessoas, encontram-se particularidades fenomenologicas teoricamente preciosas, porque permitem comparar, entre elas, as alterações que sofreu o pensamento do comunicante ao passar pela fieira de duas mentalidades. E desta comparação resulta que o pensamento expresso pelo comunicante foi transmitido assás fielmente, mas não integralmente, porque na passagem através da mentalidade de «Feda» e logo através do cérebro do médium,

a palavra «Hindú» foi substituida pelo termo demasiadamente geral—«Oriental», e que não correspondia exatamente ao pensamento do comunicante, visto que o «espírito-guia» de Mrs. Barkel é um Indiano da América, e, consequentemente, não um Oriental no sentido europeu do termo.

Repito, pois, que esta parte do diálogo tem um valor teórico de primeira ordem, porque não se tratava, dessa vez, de induções mais ou menos legítimas deduzidas dos factos, mas está-se em presença dum facto positivo em que as duas modalidades de transmissão do pensamento dos defuntos, se acham, felizmente, combinados num diálogo a três. Daí resulta que a causa de que provém os modos de expressão, que nem sempre correspondem ao pensamento dos defuntos comunicantes, é captada ao vivo, do que se deduz ser uma causa inerente á modalidade segundo a qual se realizam a mór parte das comunicações mediúnicas, causa que não parece poder ser eliminada a não ser nos casos em que o defunto se ache em condições de poder servir-se diretamente do médium, se bem que, em tais circunstâncias, lhe seja necessário possuir um longo exercício na ardua tarefa de exprimir-se com um cérebro que não é o seu.

Notemos que esta última circunstância se realiza assás frequentemente. Recordemos, a título de exemplo, o caso clássico do escritor inglês Oscar Wilde, que não só forneceu numerosas provas de identidade pessoal, com informações pessoais ignoradas por todos os assistentes e por todos os viventes, mas conseguiu, além disso, transcrever longas mensagens em sua própria grafia (o que é bem diferente da simples reprodução duma assinatura), e ditou, enfim, ao médium uma comédia inteira, julgada por críticos competentes, rica em méritos e em defeitos caraterísticos de sua produção teatral.

Do que precede, pode-se concluir que os adversários sistemáticos estão em erro quando se apressam a apelar á hipótese das «personalidades sonambulicas,» todas as vezes que sucede a um escritor falecido, que se manifesta mediunicamente e fornecendo provas adequadas de identificação pessoal, expressar-se, por vezes, com frases e expressões impróprias ou vulgares em desacordo com a sua cultura. Tem-se visto, pelo contrário, que se esta observação dos adversários era justificada, em aparência, não o era em realidade, pois a causa dessas impropriedades de linguagem não depende dos defuntos comunicantes, mas sim do facto de transmitirem eles pensamentos e não palavras.

E sempre para impressionar os cépticos em questão, converia fazer notar outra perplexidade embaraçante que se encontra em numerosos casos deste gênero, a saber, a grande dificuldade que encontram os defuntos comunicantes para transmitir o próprio nome, o que os obriga quasi sempre, a indicar unicamente pelas simples iniciais os nomes dos pais ou de seus amigos, dificuldade que fornece sempre aos opositores o argumento principal para decretar a origem subconciente de todos os pretensos casos de identificação espírita, mesmo os corroborados (isto não tem importância!) por informações pessoais verídicas, que eram ignoradas por todos os experimentadores, e muitas vezes por todos os sêres viventes.

Tambem a este respeito, o nosso comunicante forneceu explicações interessantes, e ainda que tal questão não venha aquí posta para qualquer dos conhecimentos precisos do problema, não será inútil que eu relate um exemplo do gênero.

No decurso de uma sessão, o comunicante transmite á sua esposa u'a mensagem dum defunto conhecido, mas êle não consegue recordar-se de um nome cuja transmissão o defunto pedira a título de prova de identidade. Ele explica a causa nestes termos:

«Quando me achava no ambiente espiritual e me foi confiado um nome a ser transmitido, me senti seguro de poder recorda-lo, mas assim não aconteceu. Apenas imergido nas condições exigidas para comunicar com os vivos, percebi que eu sómente dispunha duma fração mui reduzida de minha conciência integral. Em tais circuntân-

cias, as cousas mais difíceis a transmitir, são as «idéias», enquanto que uma palavra destacada, um nome próprio, não estando mais ligados a uma corrente de pensamento, ou mais exatamente, permanecendo de maneira muito vaga, em relação ao mencionado pensamento, são mais difíceis de comunicar do que as informações pessoais e as associações de idéias.

Tu bem sabes que quando contigo me comuniquei por um novo médium, eu consegui igualmente dar provas de minha presença fornecendo detalhes verídicos sôbre meu caráter, minha personalidade, minhas ocupações terrestres, e assim por diante. Pude fazê-lo porque todas estas informações são transmissíveis ao cérebro do médium, sob fórma de pensamentos, de impressões de imagens; mas, se desejo fazer-te conhecer que *eu sou William* a cousa se torna muito mais difícil do que se se tratasse de transmitir-te uma descrição longa e completa de minha personalidade. E contudo, para ti a frase: «Eu sou William» parece tão simples! Assim não o é porque tu não notas que o nome «William» é um vocábulo destacado, privado de sentido, não se sabendo como transmiti-lo ao cérebro do médium. Se pelo contrário, eu quiser comunicar a idéia de minhas ocupações científicas, eu poderei fazê-lo de maneiras várias. E provavelmente começarei por apresentar ao médium a idéia de uma bibliotéca, para em seguida lhe transmitir uma impressão sôbre a natureza dos livros percebidos e assim por diante, até que eu haja completado a idéia caraterística da ciência de que me ocupava enquanto vivi. Mas ao contrário, a insignificante frase: «Eu sou William» apresenta dificuldades enormes, justamente porque ela está privada de significação ideográfica. De todas as maneiras, lembra-te que consegui comunica-lá durante outra sessão.

(Lady Barret confirma que no decurso duma sessão de «voz direta», o defunto declara: «*Eu sou William*.»)

Lady Barret. — Sim, compreendo, mas porque um dia me chamaste «Florrie», em vez de «Flo»? Nunca me chamaste pelo primeiro diminutivo.

O comunicante. — Porque mais facil me era transmitir o primeiro diminutivo. Tendo eu conseguido comunica-lo uma vez, ser-me-á mais fácil faze-lo ainda, porque provavelmente o repetirei com outros médiuns . . .

Esta pequena discussão sôbre o diminutivo errôneo do prenome de Lady Barret (cujo verdadeiro nome é Florence), deu lugar a um curioso e interessante incidente.

(*Continua*)

O Espiritismo em face da Ciência

LEOPOLDO MACHADO

— XXIII —

Sexto Sentido e Mediunidade

O *Sexto Sentido* é outro recurso fácil, outra tábua de salvação a que se vai agarrando muita gente presumida de culta, no sentido de, em nome da ciência, explicar fenômenos mediúnicos.

Consiste em que, o *Sexto Sentido*?

Com a palavra o seu criador, o cientista Charles Richet, que andou estudando e experimentando os fenômenos espíritas, aos quais crismava a teorias empoladas, afim de não fugir ao academismo em que fôra glorioso.

Para o grande médico francês, nós entramos no conhecimento do mundo exterior por meio de *vibrações da realidade*, por êle classificadas em três ordens: *as que percebemos pelos sentidos: as que os nossos sentidos não percebem, por isso que nos são reveladas por detentores; as que nos são desconhecidas e não são reveladas, nem por nossos sentidos, nem pelos detentores.* Partindo deste ponto, expõe o sábio francês que os fenômenos do mundo exterior, que se nos revelam sem ser por meio dos cinco sentidos materiais, são-nos revelados pelo *Sexto Sentido.*

Esta, em tese, sua *teoria*, exposta no seu trabalho, *Sixième Sens*, afim de, enga-

nando a si mesmo e ao seu academismo, forjar explicações para factos mediúnicos. Enganando a seu academismo, a si mesmo e a muita gente que vai por aí, tambem, cheia de *academismos científicos*, a jogar, com ares de importância, á conta do *sexto sentido*, fenômenos que fogem a todos os sentidos humanos, sem a exclusão do sexto!

Enganando, é bem de ver, sem deshonestidade, mas por sua infinita obstinência na maneira de compreender e admitir a Vida sómente através do império da Matéria, segundo o materialismo científico das academias...

Dí-lo êle mesmo, e de uma forma que não deixa sombra de dúvidas a respeito da insustentabilidade de seu *Sexto Sentido*, a partir da apresentação mesma do volume e da teoria: «O objeto deste livro é simples. Procurei ater-me unicamente aos factos, sem *pretender penetrar as causas profundas*. Meu fim é, portanto, bastante modesto». Nosso o grifo, para salientar o *contismo* com que o sábio examina o assunto, sem penetrar, como fazem os espiritistas, *as causas profundas dos fenômenos* que êle examina, aliàs com muita modéstia, superficialmente! Mesmo penetrando-os assim, engana-se, confunde-se, confere ás teórias adversárias o mesmo direiro á certeza. E' o que ressalta deste asserto seu: «Ha casos que se póde admitir, indiferentemente, *a hipótese espírita ou a de uma vibração da realidade*. Todas as alucinações e sonhos verídicos entram nesse grupo. A *hipótese do Sexto Sentido não está, de forma nenhuma, em desacordo com a hipótese espírita*». Nosso o grifo para que fique saliente que, se a tese espírita é, para o criador do *sexto sentido*, uma hipótese, é-o tambem a sua criação! Hipótese por hipótese, cremos deve enquadrar-se á análise daqueles que pouco ou nada conhecem do assunto em estudo, a que menos fuja á veracidade, a que se revele menos absurda. O mediunismo, entretanto, com os seus múltiplos aspectos, já avançou de muito do terreno das hipóteses, dizem-no todos os grandes experimentadores sinceros que o teem examinado concientemente, no mesmo passo em que a teoria do *sexto sentido* não passou, para o sábio que a concebeu, de uma teoria! E' o que adverte peremptoriamente, á pag. 19 do seu volume: «Neste livro, eu me limito aos factos; e os factos, *ao menos na sua maioria*, se explicam, a meu ver, pelo *sexto sentido*, do que pelo Espiritismo.» Esses *ao menos na sua maioria* e *a meu ver* estão a indicar que deve ter sobrado uma *insignificante minoria* para outras explicações; que deve existir *outros modos de ver* para explicar o que o sábio cuida explicar pelo *sexto sentido!* E modos de explicá-los, dado o *sexto sentido* já houvesse logrado fóros de realidade científica, jogos de palavras bonitas e complicações teóricas! Autoriza-nos a expressão, o próprio Richet, quando escreve: «Todas essas explicações não passam de prematuras, porque essas duas espécies de excitação do *sexto sentido* ficam sempre *profundamente misteriosas*». Nosso o grifo, no mesmo passo em que salientamos que o mistério é, para o Espiritismo, como o milagre: não existe! E prossegue o sábio francês: «Melhor vale reservar nossa opinião e não concluir. Paremos nessa proposição simples, de que ha um *sexto sentido*, sem pretender penetrar-lhe o incompreensível mecanismo!» Aí está, senhores! De sorte que basta exista o nome, *sexto sentido*, criação de um sábio francês de nome sonoro, o qual o apresenta, ao criá-lo, superficialmente, sem aprofundar seus fenômenos, além de possuido de excitações misteriosas, e com ordem de parada á porta da penetração de seu mecanismo incompreensível; basta isto, apenas, para aceitarmo-lo! Que mais lhe falta, senhores, pois que conta com o nome sonoro de Charles Richet a apadrinhá-lo e é contra a mediunidade, os fenômenos espíritas, para que logre, cientificamente, se impôr a toda gente? Que vale, diante de nomes tão simpáticos — *Sexto Sentido* e Charles Richet — o testemunho em contrário, dos Crookes e Aksakoff, dos Flammarion e Russel Wallace. dos Lombrosos e Gibier, dos Gustavo Geley e Oliver Lodge, dos Conan Doyle e Frederico Zoellner, a afirmar que tais fenômenos são puramente espiritisticos? que neles as células cerebrais, os os neurônios, nenhuma influência teem? Será que nada vale o testemunho de um Claude Bernard, de um Alexis Carrel, de um Thompson, do próprio Richet, quando afirmam pouco ou nada sabemos das funções celulares? do cérebro? dos neurônios? Não é, tambem, do próprio Charles Richet: «Persuado-me que não sabemos absolutamente nada do universo que nos rodeia?» (LA GRAND ESPERANCE).

Analisemos, agora, de outro modo. Se é um sexto sentido, porque foi êle sonegado a todas as criaturas possuidoras dos outros cinco? Erro de Deus ou da Natureza? Não cremos. Erro dos homens, que o inventaram. Sabemos que ha muita gente mutilada em um ou mais dos outros sentidos. A proporção, porém, dos mutilados do *sexto sentido* é infinita, visto como o número dos que o possuem de molde a impressionar ainda, insignificantissimo, levando-nos a conceber Deus ou a Natureza parcialissimos no destribuir suas graças. Ainda outro argumento: onde o *sexto sentido* no objeto que levita? na mesa que gira? no lapis quer por si mesmo, nos fenômenos de escrita diréta, escreve belas mensagens? na fisionomia estranha que impressiona a chapa fotográfica?

Em que pese ao grande experimentador, que foi Charles Richet, é força convir que o seu *sexto sentido* não satisfaz ao seu próprio criador? E' assim que, manifestando-se sôbre a sua descoberta em outras obras, diz por exemplo o diretor da *Revue Scientifique*, em *La Grand Esperance*, pag. 152: «Chamo *sexto sentido* a essa sensibilidade especial, sem esconder que esta palavra não é de todo uma explicação, e ainda menos uma teoria, *porque do sexto sentido ainda nada se conhece»*. Aí está! Que mais, para sua absoluta impugnação racional e científica, de vez que nem fôra possível ao seu autor, no decurso de anos entre *SIXIÈME SENS* e *La grand Esperance,* conseguir consubstanciar sua descoberta com factos e observações rigorosamente científicas? Êle, que fôra um dos maiores estudiosos do psiquismo experimental! Ele, que ajustou a este psiquismo uma série enorme de denominações científicas?

Ainda na mesma obra á pag. 166: «O *sexto sentido* só quer dizer uma coisa (no mesmo passo em que o Espiritismo exprime enorme multiplicidade de coisas!) é que somos sensíveis a vibrações ou, se quiserem, a fenômenos que não se relacionam com os nossos sentidos normais!» Donde, não ser difícil identificar *sexto sentido* com mediunidade, é óbvio. Aliás, esta indentificação fê-la o próprio Richet, implicitamente, em *La Presse Medicale,* deste jeito: «Não me quero deixar cegar por meu racionalismo e reconheço que ha certos casos extremamente perturbadores, que nos levariam a admitir a sobrevivência das personalidades humanas». Todos os casos dizemos nós, não sómente os que escapam ao crivo teórico do *sexto sentido,* como os que se podem, através de uma infinita bôa vontade, enquadrar na concepção richetiana!

Não tenhamos ilusão: *sexto sentido,* é, apenas, uma concepção materialistica, destinada a explicar o inexplicável por ela: os fenômenos mediúnicos. Vale tanto como o *subconciênte*, a *histeria* e *delírio espírita episódico*, a *esquisofrenia*, a despeito do grande nome que o apadrinha; que, segundo o testemunho de Bozzano, acabara vencido e convencido de que só a existência do Espírito, e suas manifestações em todos os sectores da Vida, explicam os fenômenos psíquicos que vão dando tanto o que fazer a nossa ciência materialista. Donde os que se agarram, ainda, ao *sexto sentido* para explicar o inexplicável pela ciência materialista, terem de futuro de ajustar uma corrigenda ás suas publicações, assim:

Onde se lê *sexto sentido,* leia-se *MEDIUNIDADE!*

—

A Graça de Deus

Para LEOPOLDO e MARILIA.

A Graça de Deus se encontra em tudo o que é bélo e nobre, em tudo o que a Terra cobre; desde o palacio do rico á choupaninha do pobre; nas florezinhas do prado; desde as montanhas ao mar; nos ninhos e nas cavernas! – Junto das almas sinceras, entre as almas fraternas; no seio casto das mães; no cerebro inculto do ateu! — Em toda a parte a fulgir; no sorriso da criança, no lamento do ancião!...

Tornai-vos dignos da graça. Enchei o vosso coração!...

ALB.

Uma prova pela fotografia espírita

The Greater World

No Outono do ano último, Mrs. Wheatcroft, acompanhada por sua amiga Mrs. Williamson, realizou uma sessão com os Irmãos Falconer, obtendo este notavel resultado. O Índio norte-americano foi identificado como sendo «Red Wing», e a mulher, cujo rosto está exatamente de fronte do de Mr. Craig Falconer, é «Maime», ambos espíritos curadores e guias de Mrs. Wheatcroft, que sómente poucas horas antes realizára sessão de curas. Antes de ser batida a chapa, Mr. Craig Falconer viu, pela clarividência, ambos os espíritos, dos quais fizera uma descrição detalhada.



«Red Wing» e «Maime», a mulher, guias curadores de Mrs. Wheatcroft.

Mrs. Wheatcroft que devotadamente e durante longos anos trabalhara na propagação da Verdade, é Presidente da Missão de Old Battersea. As curas são efetuadas pelo espírito «Red Wing» todas as terças-feiras.

NOVOS RUMOS Á MEDICINA

DR. IGNACIO FERREIRA

Já não mais nos detemos na contemplação das consequências das tragédias que se desenrolam no presente!

Para que?

Espíritos que se reencarnaram, vindos de outras existências, aos milhões, vivem sob o azorrague esmagador das suas próprias iniquidades, arrastando um sudário de sofrimentos, de dôres e de máguas, que nada mais representam do que o reflexo das suas próprias imperfeições, dos seus maus sentimentos, manchas negras que poluiram os seus atos e os estigmatizaram...

Passam os anos, voam os séculos, e nem mesmo várias reencarnações bastam para apagar ou mesmo diluir esses salpicos de sangue e lágrima, anátemas que os fazem conhecidos, apontados mesmo pelo reflexo da luz de uma justiça que não falha nunca!

Para que nos determos ante as consequências dessas tragédias presentes?

Cinco anos de um labor constante e de investigações insânas, são mais do que suficientes para que reconheçamos a realidade que se patenteia aos olhos do mundo—tragédias, lares desfeitos, máguas, torturas, dôres, felicidades derruidas, sofrimentos de todos os dias, de todos os instantes, mergulhando as criaturas em um oceano de lágrimas, de dúvidas e de incertezas...

Para que nos determos ante essa caravana que, no presente, em fila interminável, sôfrega e cansada, vai-se arrastando por esse deserto infinito, sofrendo os látegos de vandavais tremendos que a fustigam e a maltratam?

Porque nos determos ante essa falange humana que arrasta o carro das provações e cujas rodas, atoladas no charco do orgulho e da incompreensão, atrasa

mais a sua marcha, requerendo esfôrço muito maior, ainda?

Porque nos determos perante esse exército de estropiados morais que refocilam no erro e na mentira, aceitando a mordaça imposta ao seu raciocínio e á sua razão por dogmas interesseiros e que se estribam nos proventos materiais?

Porque nos determos, assim, se estamos cientes de que toda essa luta, todo esse amargor e toda essa tortura nada mais representam do que o peso do madeiro imposto pelas próprias imperfeições?

Pobre Humanidade!

Caminha — caminha através do charco constantemente alimentada pelo erro, pelo orgulho e pela incompreensão...

Caminha — caminha, embora a noite contínua da materialidade, estendendo o seu sudário de ignorância, impeça que divises a luz bendita da espiritualização!

Caminha — caminha, embora os teus pés sangrem nas arestas cortantes das pedras da vaidade e embora te firas nos espinhos ponteagudos da hipocrisía e da desfarçatez!

E' esse o teu destino — mas continua a tua marcha, pois inúmeros vanguardeiros enviados em teu socorro já se puseram á tarefa de aplainar o restante da estrada a percorrer, e muito em breve poderás divisar a luz produzida pelas tochas sagradas do Espiritismo, luz que jorrará sôbre a tua estrada, facilitando o término da tua jornada!...

Nada mais és, pobre Humanidade — do que o judeu errante do Universo, porque giras sempre em torno de ti mesma, incapaz de levantar os olhos para o Alto, a procura de novos panoramas, incapaz de procurar outros recursos para revigorar o teu coração, impossibilitada de receber, quais dádivas divinas, átomos de coragem e de compreensão para maior felicidade e maior entendimento...

Porque nos determos na contemplação dos horrores traduzidos pelo desenrolar dessas tragédias contínuas que afogam as criaturas nas suas próprias lágrimas?

Deixa que essa caravana palmilhe o deserto de iniquidades onde se perdeu e deixa que a dôr, os gemidos e os lamentos se elevem ao Alto — êles voltarão transformados em orvalhos opalinos para atenuar os ardores das labaredas causticantes produzidas por todas as ignomínias que se arrastam desde as existências primórdias!

Determo-nos ante esse espetáculo que confrange a alma e maltrata o espírito?

Não.

Para que?

Sentimo-nos arrastado por uma força poderosa que nos impele para a frente, bem para longe dessa caravana, cujos gemidos e cujos lamentos reboam, enchendo o silêncio do deserto da vida, com os gritos de desespero e com os gemidos de dôr...

Passámos avante e nos refugiámos no sepulcro, a procura de um abrigo onde não pudessemos ouvir esses gemidos e onde o nosso coração não se confrangesse ante tortutas maiores que as nossas...

Porém, nossa decepção foi grande, pois o sepulcro nada mais representava do que o pórtico através do qual toda aquela caravana teria que atravessar para penetrar em outro mundo, retomando nova vida preparatória para voltar, denovo, a procura do resgate das dívidas que fôra acumulando...

Ante a perspectiva de voltar junto á caravana do sofrimento terreno e a necessidade de seguir para esses mundos desconhecidos, preferimos ficar entre um e outro, procurando servir de intermediário entre as sombras que sofreram e as criaturas que sofrem — nos esforçando para que, entre umas e outras, fossem trocadas as mensagens de paz, na compensação mútua do arrependimento e do perdão...

—

Foi neste posto intermediário entre o mundo visível e o invisível — que recebemos, em 12/9/39, a visita de uma família de Bebedouro, Est. de Paulo.

Um de seus componentes, rapaz sadio, forte, com 27 anos de idade, constituia um entrave não só para si mesmo, como tambem, para todos os membros da família, os quais se desorientavam ante o seu proceder.

Antes que nos encontrassemos com o paciente, ouvimos das pessoas de sua família, o relato pormenorizado de todos os factos ligados a sua vida...

«Dr., já não mais suportamos o o seu método de vida, desviado de todos os princípios nobres em que se devem pautar os atos de uma pessoa.

Todos os membros da família se

achам integrados no trabalho honesto, todos êles se esforçando para conservar a família em um confôrto relativo, sem se descuidar do futuro dos filhos e todos eles ligados por uma união fraterna e sincera.

Esse, porém, com o seu procedimento — quer em casa, quer na sociedade, parece ter o prazer de desmoronar a construção que todos os demais procuram levantar com o trabalho, a honestidade e o caráter...

Viciado no jogo, nesse vício consome as melhores horas de sua vida, pouco se importando com o trabalho, emprego ou responsabilidades, nêle consumindo tudo o que se lhe dá, além do que consegue por meio de emprestimo e até mesmo lançando mão de recursos excusos para obter o necessário para alimentar esse vício...

A família se vê, por vezes, em situações delicadas com dívidas por êle contraidas — em jogos e orgias!

Quando chamado á atenção, responde com malcriações e brutalidades, chegando mesmo aos desforços físicos... ao contrário de outras oportunidades em que se torna humilde, arrependido, reconhecendo o seu erro e *dizendo mesmo que não sabe como assim procede, alegando ser arrastado por uma força superior a sua vontade...*

Em outras ocasiões, pouco se importa com a própria higiene, vivendo sujo, num desleixo que envergonha a família.

Não tem estabilidade em nada do que se lhe arranja — negócios, empregos, responsabilidades, tudo abandonando sem mais nem menos, sem uma causa justificada...

Vivemos em uma atmosfera de apreensões e temos gasto uma fortuna, consagrando grande parte do nosso esforço para podermos encaminhá-lo á compreensão do dever!

Já esteve internado em casas especializadas e são inúmeros os médicos que dele trataram, sem o mínimo resultado...

Não existem justificativas para esse procedimento, e no entanto, parece têr ódio a todos em casa, a começar pelos pròprios pais, a todos tratando com desprêzo, quando não com brutalidade, tornando-se mesmo, perigoso...

Questiona com todo mundo, chegando a ponto de adquirir inúmeras inimizades principalmente com os vizinhos aos quais insulta, chegando mesmo a penetrar em suas casas fazendo uma verdadeira devastação, afrontando todo mundo, indiferente aos resultados que poderão advir desse gesto que só pode ser de louco...

No entanto, conversa bem, é preparado e nada encontram de anormal, pelos exames e pesquisas, que possam justificar esse procedimento, tanto que todos os que teem tratado dêle, chegam a desanimar, dizendo que esses defeitos são dêle mesmo e que são difíceis de serem corrigidos...

O certo é que estamos cansados dessa vida de sustos, apreensões e prejuizos e lhe rogamos fazer tudo o que for possìvel não sò para livrá-lo dessa vida incerta, como tambem, nos restituir o sossêgo e a tranquilidade que ha longos anos nos deixaram..

—

Tratava-se, como acabamos de ver, de mais um caso *exquisito*, desses casos que perturbam e descontrolam a ciência oficial, essa mesma ciência que até agora se mostra indiferente a tudo aquilo que não sái dos seus laboratórios materiais, desta mesma ciência que ainda não aceita os recursos poderosos dos laboratórios do infinito!...

Posteriormente, levado o paciente ao nosso consultório, tivemos oportunidade de trocar com êle, a primeira palestra: — Conversa perfeita, demonstrando raciocínio, memória e noção de espaço, tempo e lugar. Perfeito contrôle de si mesmo, nada indicando ou demonstrando anormalidade psíquica.

Acostumados, porém, com *esses casos exquisitos* e pressentindo por detrás dessa normalidade aparente, mais uma das costumeiras tragédias passadas, cujos reflexos vinham se fazer sentir na atual encarnação e já dominado pelos anseios de intermediário para a permuta do ódio, em perdão, de um, e arrependimento para outro, aconselhámos ao paciente que fosse ao Sanatório, alegando que, sómente lá, seria possivel um exame perfeito sôbre o seu organismo, visto todos os aparelhos necessários para exames lá estarem — inocente mentira para interná-lo sem constrangimento de sua parte, pois o Sanatório nada possue para exames, análises e pesquisas materiais.

Pôs-se pronto, imediatamente, e no mesmo instante, para lá seguiu.

A' tarde, fomos vê-lo. Estava inquiéto, num desespêro tremendo para se retirar. Queria ir-se embora e era uma grande injustiça da nossa parte conservá-lo, assim, segregado, quando se sentia perfeitamente são, não vendo razões para se ver, assim, privado da sua liberdade, detido em uma casa onde só via loucos internados!

Deixámo-lo á margem de todo e qualquer medicamento. Nada sentia de perturbações organicas, e nenhuma réstia de perturbação psíquica.

Estariamos, de facto, cometendo uma injustiça?

Essa dúvida cruel não perdurou por muito tempo, pois nos apressámos a pedir informações a uma sombra amiga que nada mais fez do que confirmar o nosso diagnóstico — Obsessão.

Mais tranquilos, tudo fizemos para incutir-lhe um pouco de paciência, procurando atenuar o seu desespero para recuperar a liberdade.

Liberdade!

Mal sabia êle que, além da prisão carnal o seu espírito estava preso nas malhas vingadoras de um inimigo terrivel...

Após vários trabalhos experimentais propositalmente feitos para atraír o seu obsessor, conseguimos a presença dessa entidade em 27/9/39 isto é, 15 dias após o internamento do paciente.

Como a incorporação se fizesse lenta, dificultosa, dando o espírito demonstração de sofrimento, começámos a falar sôbre os tormentos que acompanham as criaturas, quer no plano material, quer no espiritual.

Incorporado, manteve-se calmo, falando pausadamente, a-pesar-da energia que se notava nas suas frases . . .

«E' verdade, tenho ouvido dizer, por muitas vezes, que êle tem sofrido muito . . .

No entanto, não existe nem ao menos termo de comparação entre os tormentos que êle passa e os por que passei ! . . .

Eu culpado ?

Que quer ? E' a pena de Talião — ôlho por ôlho, dente por dente . . .

Ainda tenho tido muita condescendência com êle — mas espero ve-lo, maltrapilho, sujo, ébrio, e esfarrapado, refocilando-se nas sargetas ! . . .

Ainda está decentemente apresentável . . .

Reduziu-me a um estado de miserabilidade; fez com que me arrojasse ao mais baixo nivel a que o homem pode chegar !

Agora, hei-de me rir, ao presenciar a sua luta a procura de uma estabilidade na vida!

Veremos . . . veremos . . .

Porque esse ódio? Tive o meu lar, senhor, um lar feliz, e onde jamais faltou o confôrto e a tranquilidade conquistados á custa de um trabalho contínuo e insâno...

Atravessei os desertos, vezes sem conta. Viajei muito, principalmente, pelas Índias, onde comprava gemas preciosas que levava a Londres, para que fossem preparadas e revendidas como ornamentação no seu país de origem...

Em uma dessas viagens, vim a conhecê-lo. Foi uma fatalidade, pois viria a ser o espetro da minha vida, o destruidor da minha felicidade!

Êle havia sido alguma cousa — possuira, mesmo, fortuna regular, porém, como estróina, perdeu tudo o que tinha, malbaratando seus haveres no jôgo e nas orgias...

Arruinado, vivendo uma vida de privações, condoí-me de sua desventura e tive a infelicidade de levá-lo para minha casa.

Tratado como um filho, reposto na sociedade, nada lhe faltou — ou, antes, faltou apenas modificar seus máus sentimentos, pois que, aproveitando-se da oportunidade da minha ausência por ocasião de uma de minhas costumeiras viagens, desvirtuou o meu lar, malbaratando meus haveres!...

Qual verme repelente, foi se insinuando na minha confiança, afim de que pudesse praticar, em minha ausência, todos os delitos que a miséria moral pode induzir o homem a fazer... Após longa ausência, arrastado pela saudade, única sombra que anuviava os meus dias de ausência, encontrei o meu lar, vasio, habitado pelo silêncio e velado pela desgraça... Aquele que eu havia tirado da lâma, havia me reduzido á miséria material e moral...

Um profundo ódio se apossou de mim mas faltou coragem para abrir o

peito de u'a mulher e a garganta de um homem !

Deixei a minha terra; mudei de nome para evitar o escárneo que me lançariam em rosto e antes de chegar ás sargetas como cheguei, bebendo e me embriagando pela primeira vez, risquei da minha memória, uns tantos nomes que nunca mais haveria de pronunciar...

Um ódio profundo foi sempre o companheiro durante a minha desdita e durante a minha peregrinação pelo mundo, fugindo para longe, cada vez mais longe...

Quanto sofri sem um lar, sem um carinho, atirado ao oceano da vida. —

Família?

Sim. Meu pai foi um grande sábio—Naqueles tempos, os seus conceitos eram tão profundos, que todos diziam que era sua bôca que falava, mas Alah é quem lhe transmitia os pensamentos...

Suas palavras e seus conselhos ainda reboam aos meus ouvidos, como si fossem um caramujo no interior do qual o barulho das vagas reboam sempre, atormentado pelas saudades do oceano...

Eu lhe tinha tamanho respeito, e tamanha veneração, que era, de joelhos, que eu lhe falava !

Êle não sabia qual havia sido o meu destino e preferi passar como um filho ingrato, desaparecendo, para nunca mais dar minhas notícias, ocultando-lhe a minha desdita, a ver lágrimas em seus olhos, sentindo, no coração, o ferrete das palavras de perdão que havia de me dizer...

—

Aproveitando a oportunidade que se nos oferecia com esse ponto fraco, procurámos incentivar suas recordações, insistindo sôbre a lembrança daquela figura venerada pela sua personalidade e ainda respeitada pelo seu espírito — agora, mais do que nunca, seu velho pai não o perdoaria si não fizesse com que o seu próprio espírito se ajoelhasse, tambem, perante o altar das recordações, para elevar uma prece, verdadeira mensagem de saudade e de gratidão...

Tudo fizemos para que, no momento, seu espírito, esquecendo-se dos propósitos de vingança, atenuasse o seu ódio e pudesse receber esses reflexos da bondade divina, reflexos que lhe despertariam as lembranças do passado, fazendo com que renascesse para nova vida, amparado pelo arrependimento e pelo perdão...

A's nossas últimas palavras seguiu-se um minuto de silêncio...

Muito pouca gente sabe o que significa um minuto de silêncio respeitoso, e aquela entidade jamais se esquecerá daqueles sessenta segundos, uma eternidade de quasi, onde encontrou a felicidade e onde só, então, percebeu a grandeza e a finalidade da justiça de Deus...

Naturalmente que, naquele minuto, seus ouvidos, quais caramujos do mar, mais do que nunca, sentiam o sussurro dos conceitos de seu velho pai, conceitos que os lábios pronunciavam mas que eram ditados pelo coração e pela sabedoria !

Fez um gesto de espanto, curvou-se como si fizesse a mesura caraterística do árabe e só pronunciou mais estas palavras: —

«Vós, o cheique ?
E, vós, tambem ?
Sim, sim, sigo convosco...

—

Quasi ao nosso lado, o paciente ouvia e presenciava tudo...

Um ligeiro tremor o sacudia...

Não dava demonstrações de haver compreendido o que se passara — mas o seu espirito, naturalmente, tudo ouvira, tudo percebera !

Êle, mais do que todos nós outros, soubera dar valor áquele minuto respeitoso, pois era o minuto-eternidade, durante o qual, nas ruìnas da sua vida passada, impelida pela brisa da justiça divina, êle vira tremular a bandeira branca da paz e do perdão.

—

As sombras amigas com que trabalhamos, sempre preparam o terreno preciso para, na ocasião oportuna lançar a semente que deve germinar...

Conhecedoras dos propósitos da vingança dessa entidade; prevendo que, conselhos, rogos e mesmo razões ponderáveis seriam insuficientes para demovê-lo de seus propósitos, foram buscar, longe, muito longe, o chefe e o pastor pelo qual todo mussulmano tem grande respeito, quasi veneração, e cujas ordens são cumpridas á risca...

No momento oportuno, o cheique ainda não esquecido, apresentou se lhe e o convidou á seguí-lo.

Aonde o teria levado?

Não ficámos sabendo, como ignorámos, tambem, o que se passou nesse interregno de 20 dias.

Tinhamos certeza, sim, de que aquela entidade sofredora pelo simples facto de desabafar parte das recordações que a torturavam há tantos anos, havia dado uma demonstração quasi certa de que a sua vítima estava liberta!

Essa confirmação a tivemos 20 dias depois quando, inesperadamente, por incorporação calma, vagarosa, o ouvimos de novo: —

«Mas quanta cousa tem se passado!

Quanta cousa!

Esta casa é uma casa exquisita; tudo aquí é confuso e não sei mesmo como explicar tudo o que tenho visto e sentido, aquí. A princípio, me disseram que era uma casa de saude... Depois, disseram que era uma casa espírita, onde se faziam tratamentos espíritas.

Desconheci por completo, o Espiritismo. Não ignorava, sabia mesmo, que a morte não destróe tudo, e via, em mim próprio, uma prova daquela assertiva, pois, a-pesar-de morto, eu sabia perfeitamente do meu estado, agindo com conciência de causa, embora muitos acontecimentos se perdessem para mim... Não tinha noção do tempo e mesmo de inúmeras outras cousas que se passavam em torno de mim...

Aquí, espíritos que falam... Alí, padres, freiras, ao lado de outras criaturas cujas vestes caraterizam dirigentes de outras religiões...

Impossível descrever o que tenho visto e observado!

Penso mesmo, ser tudo isso uma alucinação produzida pelo cansaço do sofrimento, alucinação mais perfeita, ainda, do que aquela que se apodera do viajante perdido no deserto, onde a desorientação, o temor, o mêdo e a desesperança veem se apoderar da imaginação torturada pela sêde...

Nunca pude definir esse ódio sem tréguas e sempre com o desejo de fazer mais, ainda!

Todavia, dentro desta casa, tudo se transformou, para mim...

O pavor daquela noite, julguei ter sido o resultado de u'a emoção forte que sentira, resultado de emoção que se sente mas não se define... Hoje, reconheço que meus olhos não foram impressionados por u'a visão, cousa irreal.

Sei que os meus sentidos não me mentiram, pois não só vi, mas, tambem, ouvi e cheguei, mesmo a tocar em sua túnica! Além disso, vi a luz, aquela mesma luz que sempre notava em seus olhos e cujos reflexos eram como raios de luar ferindo os sentidos ou a alma da gente!

E êle disse que eu voltasse aquí e que viria de novo, tambem, falar... Mas, falar aquí? Pregar como outr'ora?

Como? Não são mussulmanos, e isso, aquí, não é uma tenda!...

Êle disse que eu viesse, pois nesta casa se encontra para os errantes, para os peregrinos sem pousada, para os cansados e sedentos, a agua idêntica á do Poço de Jacob...

E eu vim, porque a sêde me torturava, uma sêde mais horrorosa do que aquela que se sente no deserto onde o sol causticante maltrata o corpo e as areias escaldantes maltratam os pés...

Amei tanto as Escrituras! O Alcorão, o Talmud, encerravam os ensinamentos que eu recebia com a sinceridade dos crentes...

A-pesar-disso, e a-pesar-de têr sido um homem que passou por todos os tormentos, inclusive as tormentas dos vendavais do deserto, mais pavorosas, ainda, do que aquelas provocadas pelas aguas agitadas dos oceanos, não pude resistir á que essa criatura desencadeou em minh'alma!...

Nunca pude encontrar o filtro capaz de atenuar o sofrimento do meu coração,..

Os ventos desencadeados pela sua maldade ainda me sibilam aos ouvidos com a mesma intensidade e revolta, com a mesma desventura e mágua!...

Quem o vê nessa atitude, não pode avaliar de que foi capaz! Por um pouco de ouro, êle desfez a minha vida!

Senhor, o homem que procede como êle procedeu, deixa de sêr homem e nem pode ser igualado a um cão, porque, mesmo entre os cães, existe fidelidade, sinceridade e mesmo compaixão...

Êle não teve esses sentimentos,

pois destruiu um lar feliz e desgraçou uma vida ! . . .

Si tivesse sido impelido pelo amor, eu sofreria muito, mas o perdão, embora difícil, falaria mais alto do que outros sentimentos . . . Sim, porque, baseado nos ensinamentos dos sábios das nossas tendas, perdoaria, pois que, pelo amor puro e sincero, o homem é arrastado aos abismos mais profundos e aos crimes os mais nefandos !

Mas, por um pouco de dinheiro, desfazer a felicidade de um lar e desgraçar algumas vidas, oh ! isso é horrivel ! . . .

E' horrivel ! . . .

Quantos anos isso ? Creio que algumas centenas, não só porque mo disseram, como tambem, porque sei que já vivi uma vida terrena depois daquela que foi destruida tão miseravelmente...

Como disse, eu viajei muito ; percorri quasi o mundo inteiro trabalhando e esforçando-me para dar maior confôrto e maior felicidade áquela criatura que ficava á minha espera — a minha esposa, a quem adorava.

Ele chamava-se Fuad. Não tinha lar e não tinha família, esposa, filhos — daí, não saber dar valôr aos sentimentos nobres que amparam e ligam aqueles que se unem pelos laços do amor e da amizade.

Talvez por isso e não sendo capaz de exercer um trabalho digno e honrado, dedicou-se a cavalgadas durante as quais roubava e raptava jovens de seus lares para vende-las aos harens, comércio vil e infame !

Nem mesmo um comprador de escravos era . . . Roubava para trocar por objetos de ouro — para, com esse ouro infame, poder satisfazer seus vícios — jogo e entorpecentes !

Isso é bastante para caraterizá-lo, pois a vida de um canalha não deve ser contada em um templo . . . mancharia estas paredes, salpicando de lama, o justo, o virtuoso e o digno . . .

Como disse, êle foi se insinuando em meu lar e aos poucos, o foi destruindo. Quando voltei, soube por um amigo que minha esposa havia sido por êle, raptada e vendida a um harem !

Louco, com essa loucura entremeiada de dôr e de ódio, procurei-o para lhe embeber um punhal no peito . . .

Não o encontrando, abandonei a minha terra, pedindo antes, a Alah, a maldição para êle e para mim ! — Para mim, que não sabia, não podia perdoar e, para êle, porque não merecia esse perdão . . .

Porque mata-lo ? Tolice, pois todo sangue que fizesse correr, não seria bastante para lavar a mancha da minha esposa !

Foi na cidade de Mossul, no grande harem de Massabá, que ficou encarcerada a minha esposa e, com ela, toda a minha felicidade !

Louco, desvairado de dor, rolei pelas sargetas, vagueando pelo mundo, sem destino, experimentando todos os tormentos da miséria . . .

Morri, como um cão abandonado ! . . .

Voltei em nova existência. Fui monge, vivendo em um mosteiro — mas essa vida de presbitério, de nada valeu, porque, embora isolado do mundo, sentia uma surda revolta dentro de mim mesmo . . . tanto que era acometido por u'a moléstia estranha . . . Havia noites em que despertava tendo, a meu lado, diversos monges. Diziam que ficava furioso a ponto de ser necessário ficar algemado !

Que fazer ? Êle surgia na minha frente, como um fantasma, um espetro aterrador . . . Eu avançava para o seu lado, sentindo que minhas mãos apertavam um punhal.

Eu o via perfeitamente, mas os meus companheiros de mosteiro não me acreditavam !

Nas horas que se seguiam, voltava á calma pois me entregava á prece e á meditação . . .

Morri naquele mosteiro. Ciente do meu estado de espírito, senti voltar a lembrança daquele passado que se perdia nas dobras do tempo e o ódio fez com que o procurasse.

Vaguei muito, mas encontrei-o, afinal, ha alguns anos.

Que fazer com êle ?

Si o pusesse louco, nada sentiria, e o seu sofrimento não se igualaria ao meu.

Fazer dêle um criminoso, e jogá-lo entre grades, tambem não — pois o condenado reconhece a razão do seu sofrimento. Por isso, resolvi fazer com que não tivesse tambem, família, viven-

do ao léu, sem o carinho dos pais, irmãos, e amigos . . . procurando arrastá-lo á sargeta.

Agora que o tinha quasi todo em minhas mãos, esses acontecimentos se precipitaram de maneira tão inesperada!

Ouço o sinal... o grato sinal da aproximação de meu chefe!

Cumpri a minha palavra e creio, mesmo, que falei, por demais, sôbre a história triste e miserável da minha vida...

Mais ?

Para que ?

Si eu encontrar o amparo que prometeram dar-me, voltarei um dia...

Trazendo a alma manchada pelo ódio e pela vingança, mil vezes não, não voltarei!...

A justiça de Alah que caia sôbre a cabeça desse cão.

O que não pude fazer, Alah o fará.

—

Cinco dias após, entregámo-lo á sua família.

Estaria curado ?

Sim, e o confirmariamos se a cura de um obsedado só dependesse, em certos casos, da libertação do espírito, livre de fluidos impuros.

Neste caso, porém, estavamos na obrigação de prevenir a família.—Êle estava *liberto da causa primordial* de todos os infortunios por que passára, até então, porém, o seu espírito trazendo taras de existências anteriores, seria dóra avante, o fatôr da consolidação para a reintegração de si mesmo, no seio da família e da sociedade.

Êle, exclusivamente êle mesmo, seria capaz de dominar o próprio espírito, fazendo com que se despojasse, pelo esforço e pelo domínio próprio, das vilanias e dos sentimentos maus que foram os sustentáculos da sua existência passada!

E' um espírito mau, rebelde, revoltado pela obrigação de sustentar a si mesmo, procurando proventos próprios num trabalho contínuo pelo pão de cada dia...

Possue mediunidade sensitiva. E' um iman a atraír os reflexos de todos os sentimentos que se cruzam pelas fronteiras dos dois mundos.

Se dominar seus sentimentos, será uma criatura feliz, atraíndo esses fluidos puros que emanam dos espíritos bons.

Continuando a alimentar os pensamentos de iniquidades que sempre praticou em existências passadas, ao contrário, captará as ondas de sentimentos menos dignos, e terá que palmilhar uma estrada pejada de sacrifícios e de desventuras.

Êle foi avisado disso.

Sorriu, com esse sorriso incrédulo dos que julgam saber muito.

Si não aproveitar as mensagens que lhe entregámos, nesse posto de sacrificios e de pesquisas, onde nosso espírito se vê continuamente atormentado, pelo menos aquela sombra obsessora, em companhia de outras sombras amigas e sinceras, revestida de melhores sentimentos, encontrará, nas tendas tranquilas do deserto infinito, a sombra protetora debaixo da qual ouvindo os conceitos profundos do seu velho pai, se preparará para uma nova jornada, mais feliz, mais tranquila, porque será amparada pela esperança, pela fé e pelo desejo sacrosanto de progredir mais, cada vez mais...

Nenhum homem pode ser feliz, quando se vê obrigado a desprezar as suas próprias ações, quando tem a conciência do mal que pratica, ou em intenção ou em atos.

Nenhum homem pode ser feliz, se alimenta pensamentos de vingança, de ciúme, de inveja ou de ódio.

E' preciso ter uma conciência limpa e um coração puro para se ser feliz. Quando há o sentimento de se ter procedido bem, pode ser-se feliz até dentro das mais adversas circunstâncias. Sem esse sentimento pode ser-se um miserável dentro das mais favoráveis condições da existência.

O. S. Marden.

O ESPIRITISMO NA UNIVERSIDADE DE CAMBRIDGE

UM NOVO PONTO CONQUISTADO

De «La Revue Spirite» *Por L. DEVAVRE*

Um novo facto acaba de se produzir na Universidade de Cambridge. Grande é o seu valor para o Espiritismo em razão da repercussão que provocará e das felizes perspectivas que deixa entrever. Trata-se da criação, nessa universidade de reputação mundial, duma cadeira destinada ao estudo dos fantasmas.

Para nós este estudo não é novo, porque conhecemos, sôbre o assunto, os trabalhos de H. Durville, que lhe presta uma contribuição notável, seguidos dos trabalhos de A. de Rochas e de seu discípulo Ch. Lancelin, que impeliram mais para diante suas investigações e suas experiências.

Pode-se mesmo admitir que foi sob seu impulso inicial, seguido dos estudos profundos do professor W. F. Barret, que em Londres foi fundada a célebre sociedade «Society of Psychical Researches», mas cuja ação se limitou, somente, ao registro e ao contrôle duma acumulação de factos de natureza psíquica.

Esta possante contribuição ao estudo do duplo humano, do qual estes sábios eminentes foram os iniciadores esclarecidos e que inspiram a consideração admirativa geral, infelizmente não poude ser elaborado, senão á margem da ciência oficial, da qual conhecemos as iniciativas por demais prudentes, que muitas vezes se limitavam ao âmbito das descobertas privadas.

William Crookes fez um estudo científico propriamente dito do fenômeno em questão, mas seus trabalhos ficaram na penumbra.

O que convém assinalar no facto que acaba de produzir-se em Cambridge, é a revelação de ter a ciência positiva avançado um novo passo, uma incursão no domínio já estudado por eminentes sábios espíritualistas. Nunca será demais repetir: no dia em que a ciência se espiritualizar, ela conduzirá a humanidade a progressos imprevistos. Quando os sábios reconhecerem unanimemente, como o declarou o célebre fundador da Metapsíquica, Ch. Richet, que *a hipótese espìrita é a explicação mais verossímil dos fenômenos*, a ciência abandonará para sempre uma algaravia ininteligível para explicar a simplicidade dos factos que provêm, em sua maior parte, do mundo espiritual.

Em nossa imensa satisfação, ao ver a aproximação do dia em que a ciência e o Espiritismo marcharem de mãos dadas, porque um esclarece o outro, nós levamos á Universidade de Cambridge, a homenagem entusiástica dos espíritas espalhados pelo mundo inteiro, porque a conquista deste ponto faz perder mais um ao materialismo cambaleante. Em nosso confôrto, nossa alegria e esperança, enviamos nossos pensamentos mais animadores aos promotores dessa nova cadeira de verdade.

E, do nosso insignificante domínio pessoal, desejariamos emitir um voto, formular um tímido desejo: que prossigamos infatigáveis na difusão do Espiritismo em todas as classes da sociedade, porque temos reconhecido constituir o seu ensino a única explicação válida da peregrinação humana e que além de tudo, êle professa a doutrina moral por excelência — a do Cristo e a dos grandes iniciados . . .

Deus, antes de encarnar no homem, encarnou em tôda a casta de animais e vegetais.

Teixeira de Pascoais.

Crônica Estrangeira

O Decrescimento da Ortodoxia

«Psychic News»

A ortodoxia continua em decadência. O Rev. J. Ernest James, Presidente da União Congregacional da Inglaterra e Gáles, expôs á Assembléia o movimento decrescente da comunidade.

«Edifícios que foram construidos cincoenta anos atrás, agora são excessivamente grandes. Frequentemente vemos prédios com capacidade para 1.000 a 1.500 pessoas assentadas, apresentarem agora congregações de 100 assistentes. Esses factos são desanimadores».

Estes comentários são típicos do que está acontecendo em todos os ramos da ortodoxia. Todos seus dirigentes relatam acontecimentos similares — congregações decrescentes, perda de prestígio, influência e autoridade.

Com a expulsão da mediunidade, o Cristianismo perdeu sua alma, visto que sem o exercício dos dons do Espírito impossível existir religião alguma.

Crianças no Mundo Espiritual

«Light»

Ha vinte e quatro anos, finou-se meu filho único de dois anos de idade. Sempre eu pensava o que estariam fazendo as crianças no reino espiritual. Certa ocasião, isto ha muitos anos, um espírito me assegurou que êle estava frequentando escola, e ha pouco um espírito amigo afirmou ter visto David (meu filho) transformado em homem, metido num avental de cirurgião, e que êle dissera: «Tenho amor ao meu trabalho, consistente em receber e tornar felizes tenras crianças que para cá veem sózinhas, como a mim aconteceu».

Porém, grande foi minha alegria quando êle próprio se manifestou, dando-me conselhos, ao mesmo tempo que assegurava ser um médico, a cuidar especialmente de crianças.

Os nossos pequenos sêres continuam a desenvolver os dons que teriam desenvolvido no plano terrestre, se aquí tivessem permanecido.

Carta endereçada a Deus

«Te Two Worlds»

Uma senhora mui idosa e alma bem simples, encontrando-se em terrível situação financeira, escreveu uma carta que endereçou a «Deus», suplicando-lhe a remessa imediata de 30 shillings. Não conhecendo, o agente postal, o meio de enviar a carta ao destino, resolveu abri-la. Depois de lida e interpretada a situação da remetente, foi realizada uma coleta entre os empregados postais, que rendeu 20 shil., quantia que foi remetida anonimamente á senhora necessitada.

Dia seguinte, nova carta, igualmente endereçada a Deus, continha o seguinte: «se, amado Deus, futuramente me quiser enviar algum dinheiro, peço fazê-lo em carta registrada, pois da outra vez aqueles tratantes do correio roubaram 10 shillings e eu só recebi uma libra» (20 shillings).

As pessoas que responderam ao apêlo feito ao Todo Poderoso eram figuras proeminentes da Loja Maçônica local e outros irmãos filantrópicos.

Abraham Lincoln sonhou com seu assassinato

«Psychic News»

Poucos dias antes de seu assassinato, Abraham Lincoln relatou a seu amigo Ward Hill Lamon e á sua esposa, um sonho que tivera:

«Eu percorria os aposentos da Casa Branca sem encontrar viva al-

ma, porém, ao entrar no Salão Oriental ouvi sons de soluços.

No centro do aposento estava disposta uma eça sôbre a qual jazia um corpo envolto em vestes funerárias. Em derredor estacionavam soldados que agiam como guardas. Mais ao longe acotovelava-se o povo, alguns fixavam tristemente o corpo, cujo rosto estava coberto, outros choravam.

«*Quem morreu na Casa Branca? Perguntei a um dos soldados. O Presidente,—respondeu o interpelado. Êle foi morto por um assassino*».

«*Em seguida a multidão prorompeu em chôro convulsivo, que me despertou. Não consegui conciliar o sono durante o resto da noite, não obstante ser tudo um simples sonho*».

Clara E. Langhlin, em «A Morte de Lincoln», diz que o sonho se realizou com os mínimos detalhes.

Agora eu possuo Provas

«Light»

«Antes eu tinha fé na sobrevivência, agora eu possuo provas». E' este o veridicto de Mr. Maxwell Scott, que tem estado a investigar Espiritismo no Norte da Inglaterra. Os resultados do seu inquérito aparecem semanalmente em *Sunday Sun* (Newcastle).

Incidentalmente, êle descreve a «ameaça de loucura» como «pura fantazia». «Não vejo, disse êle,» que o pesquisador sincero, de mente equilibrada, tenha qualquer cousa a temer. Asseguro que nada havia de pernicioso em qualquer das 150 mensagens que ouvi médiuns públicos proferir em sessões espíritas. Sem exceção, elas foram mensagens de amor, confôrto e avisos sôbre condições de saude. Exemplos: Cuide mais dos olhos. Ultimamente você não tem usado óculos.» Todas as mensagens e conselhos, que se supõe provirem de espíritos, devem passar pelo crivo da razão e do senso-comum.»

«Eu não concordo», acrescentou, «com a sugestão de serem triviais todas as comunicações de espíritos. Mensagens que parecem triviais ao resto da assistência, podem encerrar grande valor provante para o recipiente».

Uma Estatística de Espetros

Mondo Occulto

Um jornal suíço se encarregou de estabelecer uma estatística, por assim dizer oficial, dos espetros existentes na Suíça. O seu número compreende quatro mil, a mór parte dos quais habitantes irremovíveis de antigos castelos. E' interessante notar que proximamente 50 °/o desses espetros se asilam em velhas habitações e todos os exorcismos já tentados não lograram desalojá-los.

Manifestação de um Espírito após 60 anos

«La Revue Spirite» fornece o seguinte resumo dum editorial de *The Two Worlds*.

Mrs. Clair Trichett assistiu a uma demonstração pública do médium Miss Olive Rutherford. Este médium descreveu um jovem marinheiro, John, perecido no mar, o qual afirmou ter começado a construção de um barco que sempre tencionava terminar durante suas férias. Êle tambem declarou que logo seriam encontrados certos papeis em sua casa, guardados numa gaveta, papeis que provariam a sua identidade. Nenhum assistente poude identificar o espírito e Miss. Olive Rutherford disse por fim: «Êle está tão desapontado!...»

Seis semanas depois dessa sessão, Mrs. Clair Trichett revolvendo certas gavetas folheava documentos referêntes á família, que remontavam ao ano de 1.500, e entregues a seu filho ha 12 anos por uma velha tia. Ela lembrou-se que a mensagem espírita não fôra esclarecida. Mas, investigando, encontrou um documento atestando que John Husler, de 25 anos, natural de Leeds, naufragara em 1864 com o «Bolivar». Relativamente ao pequeno barco em construção, Mr. Trichett, o marido, nada poude informar, mas sempre vira um pequeno barco

em casa de seus pais, que sua mãe talvez ainda conservasse. Imediatamente Mrs. Clair Trichett, após as explicações do marido, escreveu á sogra que respondeu saber provir esse barco dum tio, perecido no mar e que ela justamente passara esse pequeno navio a outras mãos.

Médium cego que é clarividente

«Pychic News»

A clarividência independe da visibilidade física.

Embora cego desde os doze anos, Arthur Clayton, de Nottingham, tem realizado sessões de clarividência sôbre plataformas espiritualistas durante os últimos vinte anos.

Êle não só obtem os maiores sucessos ao descrever os «mortos», que vê pela clarividência, como tambem pode ver as pessoas em sua assistência para as quais são destinadas as descrições e mensagens de espíritos.

Ainda recentemente o «*Birminghan Evening Despach*», que regularmente dedica suas colunas ás atividades religiosas locais, descreveu a visita de Clayton á Igreja Nacionalista de Birmingham.

O jornal relatou como o progenitor de Arthur foi a procura de consôlo no Espiritismo quando o filho ficou cego em consequência de certa moléstia e mais tarde introduziu o mesmo no nosso movimento. Gradualmente o menino sentiu possuir faculdades psíquicas.

Cinco anos depois, por ocasião da celebração do armistício (1918), êle realizou a primeira sessão mediúnica. Desde então tem dirigido sessões em todo este paíz. Êle fez 25 visitas á Escócia e 40 a Gales.

E' assombroso que, a despeito de sua incapacidade física, êle pouca dificuldade tenha experimentando ao viajar por toda a Inglaterra. Por vezes êle tem percorrido 10.000 milhas num só ano. O jornal de Birmingham publicou extratos da sua alocução realizada no centro espiritualista local.

Benjamim Franklin e a Sobrevivência

Benjamin Franklin, o célebre estadista americano que auxiliou a elaborar a Constituição dos Estados Unidos e que inventou o pára-raios, rendeu o seguinte tributo ao Espiritismo:

O homem só nasce completamente depois que morre. Por que então atormentarmo-nos por ter uma criança nascido entre os imortais? Nós somos espírito.

A cendência de corpos por emprestimo, enquanto eles nos podem proporcionar alegria, ajudar-nos a adquirir conhecimento ou contribuir para fazer o bem aos nossos semelhantes, é um ato bondoso e benevolente de Deus.

Quando os corpos se tornam impróprios a esses propósitos e nos produzem dores em vez de prazer, em lugar de auxiliar nos embaraçam, Deus é igualmente benevolente e bondoso em nos prover o meio pelo qual dêle nos descartamos. A morte é esse meio.

Nossos sêres queridos e nós mesmos receberemos o convite para participar no Além, da reunião intensamente feliz que persistirá eternamente. O nosso sêr amado terminou sua jornada terrestre e partiu, precedendo-nos. Todos nós não poderiamos convinientemente partir juntos.

Porquê, então, todos esses tormentos, se brevemente nós os seguiremos conhecendo o lugar em que se encontram?

Moldagem de mãos e dêdos materializados, na Inglaterra

«De Além»

The Two Worlds consagrou um artigo ilustrado referente ás moldagens em cêra, de mãos e dêdos materializados e obtidos no grupo do Sr. Finney em Sutton, Notts, no mês de Novembro de (1938), onde tem havido experiências muito interessantes, visto que as moldagens provam por

si só a sua origem supranormal. Nenhuma mão humana poderia retirar-se dessas moldagens sem as quebrar por causa da sua posição torcida e da pressão dos dedos em segurar os objetos que agarravam, como algumas que empunhavam um crucifixo.

Em 15-2-1938, obtiveram duas mãos cruzadas á semelhança das célebres moldagens que o Dr. Gustavo Geley conseguiu no Instituto Metapsíquico em 1922-23. Examinadas por peritos idóneos, estas moldagens revelam com evidência, caráter humano.

Notas e Factos

Os Mortos nos Tocam

«La Vie Toulousaine» a propósito da obra de M. Stellet: *Os Mortos nos Tocam,* expende este julgamento que transcrevemos de «La Revue Spirite».

Não deveis supor que aí se trate de evocações, de pseudo-espíritos ou dum charlatanismo de teatro, com aparições de fantasmas. Nada disto, trata-se de experiências, realizadas na própria sala de M. F. Stellet, em presença de professores de Faculdades, médicos, advogados, magistrados, jornalistas de nossa imprensa quotidiana, no decorrer de sessões de estudos psíquicos. Essas experiências se realizaram á luz plena, eu o repito, sem evocação alguma, sem apêlo a qualquer espírito, sem preces pedindo assistência espiritual.

Unicamente a clarividência do sensitivo, seus dons de «vidente» postos a serviço dos assistentes.

Tive o privilégio de assistir, durante ano e meio, a essas sessões e devo acentuar que a primeira vez em que cedí ao amavel convite de M. Stellet, lá fui como um céptico endurecido. Quantas vezes havia eu assistido a sessões semelhantes em que tudo era mistificação!

Como o ilustre Flammarion, nós podemos afirmar: *«De ora em diante, nós possuimos a certeza científica da sobrevivência da alma depois do último suspiro terrestre.* A alma é independente do organismo material e continua a viver após a morte».

Esta certeza se adquire lendo a obra que acaba de publicar com erudição, que não enfastia, M. Stellet. Sua obra é mais cativante do que o mais original romance. Ele fornece a prova por meio de factos. A obra é quasi que constituida de factos, todos controlados por eminentes personalidades de Tolosa. Esses factos são bem mais numerosos do que geralmente pensamos, porque cada vez que deles falamos, encontramos ouvintes que conhecem factos análogos.

Eu desejaria possuir a necessária competência para falar como conviria de tudo o que comtém a obra de M. Stellet. Não passo de um profano, mas um profano sincero, que aquí apresenta o testemunho autêntico do que viu e ouviu no decorrer dessas sessões absolutamente comoventes em que nós estivemos, sem a menor fraude possível em «comunhão com o Além», no absoluto do verdadeiro.

E' o conjunto de todos esses factos que encontramos na obra de M. Stellet, que deve ser lida em todas as classes da sociedade, porque, pelas revelações que traz sôbre a vida no Além, ela demonstra, á saciedade, as relações certas do mundo visível com o invisível e a comunhão fraternal que podemos manter com nossos caros desaparecidos.

Visões em leitos mortuários

«Light» — Por W. R. Bradbrook

O excelente artigo da autoria de Mr. A. Collins, sob o título acima, despertou em mim duas ocorrências que corroboram o seu argumento — de não poderem ser tais visões logicamente atribuíveis a imagens mentais aduzidas por «esperanças veementemente afagadas», «fortes tradições religiosas» ou convicções.

Muitas foram as conversações que mantive com uma senhora de 60 anos, sôbre o facto da Sobrevivência. Apesar-de pobre, ela era bem educada, mas, infelizmente, condições domésticas e ocasionais lapsos alcoolicos azedaram-lhe a natureza. Ela absolutamente se insurgia contra a crença numa existência após a morte física. Ela sentia que seus méritos não lhe davam direito a uma eternidade de bem-

aventurança, e certamente tambem não merecia condenação a um sofrimento sem fim. E se a vida além-túmulo fosse análoga á presente, ela esperava e sinceramente acreditava que para ela haveria o esquecimento tranquílo.

Pouco depois ela apanhou tuberculose galopante. Um Bom Samaritano do nosso Centro local tomou-a sob seus cuidados até o fim da moléstia. Aparentemente haviam falhado todas as tentativas para esclarece-la sôbre o futuro. Todavia, no último momento, de súbito um sorriso iluminou-lhe o semblante, um reconhecimento surpreendente se traduziu pelo brilho dos olhos, e com os braços estendidos para uma «visão», ela proferiu sua última palavra: «Mamãe!»

O outro caso se refere a uma senhora de 40 anos de idade, primorosamente construida e notavelmente béla. Todavia, o alcool e uma existência viciosa, transformaram-na num virago. A mãe era a personificação da paciência e longo havia sido o seu sofrimento, sempre sujeita ás explosões de ódio e mesmo á violência física da filha. O único protesto da boa velhinha se traduzia no seguinte queixume: «Oh! minha pobre Edith!» Ela morreu sem uma palavra de censura. Pouco depois, Edith enfermou gravemente e foi internada num hospital. Durante seus últimos dias de vida, ela frequentemente exigia, com horriveis imprecações, que a «velhinha» (a mãe), continuamente de pé ao lado da cama, fosse removida, porque sua presença a atormentava.

Neste caso não havia «antecipação veementemente desejada», nem tão pouco «fortes tradições religiosas», mas certamente muitos dos leitores hão de reconhecer a intensidade dramática da devoção maternal que nem a crueldade dolorosa, nem a mesma morte poude extinguir, mas que a mãe alí viéra para ajudar, a espera de receber em seus braços a «minha pobre Edith!»

A conclusão dum notável cientista

The Journal of the American S. P. R.

O Dr. Hans Driesch, docente na Universidade de Leipzig, em artigo que publicou, afirma que o materialismo científico é impotente para explicar as atividades da vida.

Uma das objeções que a ciência opõe ao reconhecimento da investigação psíquica como uma ciência é, diz êle, que a sua aceitação formaria uma lacuna no mecanismo universal da Natureza.

Driesch está de acordo e sustenta que a telepatia, clarividência, premonição, etc., são incompatíveis com uma concepção mecanizada e materialista que é insuficiente para resolver os problemas que já lhe tolhem os passos.

Enquanto os materialistas pretendem que todos os acontecimentos na Natureza são explicáveis e compreensíveis sôbre fundamentos de uma ação recíproca entre os últimos elementos da matéria e os esforços resultantes de tal ação recíproca, surge a questão se *todos* os acontecimentos na Natureza podem ser explicados por simples ações entre simples elementos, e as resultantes de tal ação.

Ele mostra que tomando certos vermes e cortando-os em muitos pedaços, cada peça se remodelará em um organismo pequeno, mas completo, no decurso de alguns dias. Existe alguma cousa que constroe o todo, de uma parte.

Proseguindo, êle demonstra que «a maquina já não permanece a mesma se lhe removermos qualquer parte seja de que secção fôr». Ha algo por trás desse processo que reconstroe um corpo e que tem o poder de fazer o todo da parte, e isto exige a introdução da doutrina do vitalismo. Donde se conclue que o organismo não é um sistema mecânico; certamente êle consiste de matéria, mas consiste tambem de algo mais que guia e dirige a matéria». Eu denominei este algo entelequia (entelechy). Outros chamam-no mente ou alma, particularmente no campo de ação. Consequentemente, alma ou mente é um sêr separado.

«Este resultado não formará uma ponte, por assim dizer, do normal ao paranormal? De qualquer modo, torna-se patente que já na esfera da normalidade a teoria mecanicista ou materialista se desmorona completamente, em face do que concerne á vida orgânica.

Reconhecido isto, a telepatia, clarividência, premonição, etc., se enquadram no mesmo reino da causalidade».

Deste modo, a Investigação está conquistando legitimação lógica como uma ciência—de todas, a ciência mais importante.

Um médium descobre um Original Rembrandt

O triunfo da Psicometria

The Two Worlds *Por W. V. Gorcum De Holanda (Haya)*

... Ha tempos comprei nesta cidade um quadro velho e procedendo a um exame atento ocorreu-me que poderia ser uma obra de grande artista. Mandei a tela a um afamado perito que a devolveu afirmando ser obra destituida de valor. Não fiquei satisfeito porque o perito tambem declarara pertencer a mesma ao século dezessete.

Mandei fotografar a figura e remeti uma cópia ao conhecido psicômetra Mr. Zeeden.

Mr. Zeeden declarou ser a figura de grande valor e obra do maior pintor do seculo XVII — Van Rhym Rembrandt — cuja assinatura estava num monograma e este localizado num determinado lugar. Êle declarou existirem ainda outras figuras na tela, inclusive uma pessoa, um cão, alguns degraus de uma escada e outros objetos. O fundo estava tão preto, por efeito do tempo, de modo a não serem visíveis essas coisas á ôlho nu, mesmo com um exame minucioso.

Mr. Zeeden aconselhou-me mandar a téla a outro perito, porém, declarou êle, a conclusão seria idêntica a do primeiro. E assim foi, o segundo perito declarou-a destituida de valor.

Resolvi limpar a téla. Com grande satisfação descobri o monograma, no lugar indicado, e o ano. Continuando no meu trabalho, todos os outros objétos se tornaram visíveis, exátamente como o declarara o psicômetra. De novo me pûs em contacto com o médium que confirmou suas declarações anteriores e ainda disse que eu aguardasse certa conexão com um perito estrangeiro.

Cerca de dois meses, por um acaso inexplicável, fui apresentado a um especialista francês, grande conhecedor das obras de Rembrandt. Êle examinou a téla. Tratava-se efetivamente de uma obra genuina de Rembrandt, o que confirma as palavras de Mr. Zeeden, o psicômetra. Desde então vi diversas ampliações feitas pelo perito em que todos os detalhes mencionados pelo médium se tornaram claramente visíveis, surgindo da poeira e neblima dos séculos.

Como Maurice Barbanell começou a sua carreira de jornalista espírita

Informa a «Revista Espírita» de Paris que o jornal *Psychic News* (n.º 365) traz um artigo subscrito pelo seu diretor Maurice Barbanell onde êste descreve a história da criação do aludido jornal.

Barbanell era espírita convicto, mas de jornalismo conhecia apenas o que lhe ditava o grande propagandista Hannen Swaffer, no decurso das suas viagens de conferências. Era tal a atividade dêste pioneiro do espiritismo que chegava a realizar três conferencias por dia em diferentes cidades da Inglaterra, falando, desta forma, a mais de 250.000 auditores ingleses.

Em 1931, com 30 anos de idade, Barbanell é atingido pela crise econômica que o obriga a vender tudo o que possuia, atirando com êle para o desemprêgo.

E' então que com uma insistência tôda particular, os *espíritos* o animam a criar um semanário espírita. A-pesar disso e das propostas espontâneas de dinheiro que lhe são feitas para aquêle fim, mesmo por pessoas cépticas, Barbanell hesita; mas o processo Meurig Morris — *Daily Mail* acaba por vencer as suas hesitações e apressa, assim, o lançamento do jornal, que está agora no seu oitavo ano de existência e possue já um capital de 600 libras esterlinas.

Em breve Artur Findlay, o célebre escritor espírita, interessa-se pelo jornal, que toma a atitude que lhe é tão caraterística de não professar nenhuma religiosidade.

Psychic News é um jornal moderno e de grande tiragem.

Prevê bem as consequências, ainda as mais afastadas, de cada uma de tuas decisões, para não teres depois de que te arrepender.

Pitágoras.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Serviço Nacional do Recenseamento

Foi nomeado para o cargo de Delegado Nacional do Recenseamento para o municipio de Matão, o prestante cidadão sr. Antonio Gorgatti que, ao assumir o exercício do cargo, dia 1.o do mês p. p., convocou, para esse mesmo dia, ás 13 horas, no edificio do Paço Municipal, a reunião inaugural da Comissão Censitária Municipal, que ficou composta dos seguintes cidadãos: sr. José Bartholomeu Ferreira, Prefeito Municipal; sr. João Rossi, 1.o Juiz de Paz, e sr. Antonio Gorgatti, Delegado Municipal do S. N. R.

Nessa ocasião foram eleitos os membros da Comissão Colaboradora, que ficou composta de pessoas representativas da imprensa, do comercio e de associações locais.

Correspondência do nosso Representante na Capital

Casa dos Espíritas

Conforme estava anunciado, a Casa dos Espíritas do Brasil, comemorou no dia 31 de Maio último, perante enorme assistência, o 1.o aniversário de sua fundação com uma sessão especial da quál constou um escolhido programa lítero-musical.

A's 20 horas e 35 minutos, o Dr. João Baptista Pereira, presidente da Sociedade Metapsíquica de S. Paulo, depois de expôr em breves palavras o motivo da reunião e haver feito uma prece, dá por abertos os trabalhos, tendo feito uso da palavra os seguintes confrades: Prof. Americo Montagnini, sôbre o têma: «Civilização Moralizadora»; Dr. João Baptista Pereira, «Passará o céu e a terra mas as minhas palavras não passarão»; Dr. C. G. Shalder, «Factos Espíritas»; Odilon Negrão, «Bibliotéca de Estudos Psíquicos»; sr. Domingos Angelo Netto, do «Jornal da Manhã» que, numa exortação comovente, saúda a Diretoria da Casa dos Espíritas; Dr. João Baptista Pereira, que saúda em nome dos espíritas, o diretor espiritual daquela Casa, Bezerra de Menezes.

Foram declamadas belissimas poesias. A aplaudida pianista, D. Amalia Brandão, executou trechos musicais ao piano.

Fizeram-se representar na comemoração o sr. dr. Adhemar de Barros, Interventor Federal em S. Paulo, pelo sr. Tte. Armando Salles, Oficial da Casa Militar da Interventoria; o dr. Carneiro da Fonte, Chefe de Polícia do Estado, pelo Dr. Roberto Maués, Oficial de Gabinete da Chefia de Polícia.

Após as solenidades, as Damas Espìritas Paulistas, distribuiram agasalho de lã ás crianças pobres e lauta mesa de doces aos presentes.

Foi filmado todo o desenrolar da festividade, facto esse registrado pela primeira vez em sessões comemorativas espíritas.

Enfim, foi uma reunião espìrita que deixou gratas recordações em todos aqueles que tiveram a ventura de fazerem parte dela.

O Espiritismo em S. Roque

Com o concurso de uma caravana chefiada pela Casa dos Espiritas do Brasil, da Capital, realizou se em S. Roque, dia 9 do mês passado, uma Concentração Espírita em regosijo pela reabertura do Grupo Espírita «Fé, Amor e Caridade» e dos Centros Espíritas «Sto. Agostinho» e «São Roque», fechados por medida arbitrária da autoridade local, sendo reabertos pela enérgica intervenção dos Espìritas da Capital, á frente dos quais esteve o incansavel batalhador, Dr. João Baptista Pereira.

A caravana foi recebida na estação de S. Roque por grande número de espíritas, saudando nessa ocasião os visitantes, o sr. Baptista Credo Negrelli. Respondeu á saudação, em nome da Caravana, o Dr. Calazans de Campos.

A seguir, foram os visitantes convidados a percorrer a cidade, mostrando assim á população local que a brusca medida da autoridade, em vez de abalar o Espiritismo, proporcionou ocasião de os espìritas unirem-se ainda mais fraternalmente.

Nessa ocasião, a Cooperativa Viní-

cula de S. Roque, num gesto de fidalguia de sua dignissima presidente, D. Emilia Valter, ofereceu aos visitantes produtos de sua fabricação.

A seguir, nos salões nobres da Loja Maçónica «Labor», gentilmente cedidos pela sua digna Diretoria, foi oferecido um almoço aos visitantes, durante o qual usaram da palavra os srs. Pedro José Hoog, representante da União Federativa Espirita Paulista, Dr. João Baptista Pereira e o jornalista Pedro Fernandes Alonso.

Estiveram tambem presentes os srs.: Dr. Osorio Mario dos Santos, Heitor Bocatto, diretor de «O Democrata», local. O sr. Dr. João Gabriel Pinto, prefeito do próspero municipio de S. Roque, fez se representar por seu Oficial de Gabinete.

Após essa reunião de confraternização, seguiram todos para os amplos salões da Sociedade Recreativa dos Ferroviários, gentilmente cedidos pela sua digna Diretoria, que compreende o papel benéfico do Espiritismo na sociedade.

Abriu os trabalhos o sr. Pedro Fernandes Alonso. A seguir falaram os seguintes confrades: Dr. João Baptista Pereira, «O Evangelho e o Espiritismo»; Dr. Calazans de Campos, «A Verdadeira Civilização»; Domingos dAngelo Neto, «Porque sou Espírita».

Encerrou a sessão o sr. Pedro Fernandes Alonso, tendo feito uma prece a Jesus o Dr. João Baptista Pereira.

A Comissão promotora da Concentração, composta dos srs. Raul Marchi, Antonio Arca, Angelo Orlandi, Candido Mirim, Alfredo Boschetti, Eugenio de Andrade e Lourenço Pedroso, agradece a todos quantos cooperaram para o realce de tão significativa reunião.

Eduardo Aidar.
Representante

A Nossa Excursão

Do nosso representante em viagem, sr. Benedicto Gonçalves do Nascimento:

— Durante a primeira quizena do mês passado fiz 7 conferencias, assim distribuidas: uma em Taquaritinga, uma em Jaboticabal, duas em Bebedouro, duas em Colina e duas em Matão.

—

Comunicado do nosso representante em viagem, João Leão Pitta:

— Durante o mês de Maio ultimo fiz 20 palestras nas seguintes cidades: Glicerio, Brauna, Coroados, Ribeirão Grande, Corrego do Martins, Alto Alegre e Penapolis.

Passamento

Em Campos do Jordão, onde se achava a passeio, desincarnou repentinamente, dia 21 de Maio último, a nossa irmã D. Marcelle Pinto de Carvalho, companheira de jornada terrena do confrade José Bento de Carvalho, residente em Santos.

No cemitério do Paquetá, onde foram sepultados os despojos materiais da desincarnada, falou junto ao ataúde o confrade Pedro de Camargo (Vinicius).

Elevando nosso pensamento a Jesus, pedimos-lhe o seu beneplácito para o ingresso do espírito recem-liberto nos tabernáculos divinos.

Vida e Atos dos Apóstolos

Acaba de saìr do prélo e já está sob os cuidados da nossa secção de encadernação, a 3.a edição desta utilissima obra da lavra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel.

Conforme o titulo, trata-se de uma obra que estuda a vida e os feitos dos Apóstolos bem como os fenômenos espìritás que com eles se verificaram, fenômenos que são testemunhos vivos da Imortalidade.

Com 292 paginas. impressa em ótimo papel e encadernado a pano oleado, esta obra está á venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de 9$000 o volume e mais 1$000 para o porte e registro.

De Rio Claro

No dia 29 de Maio último esteve nesta cidade o confrade Caetano Mero que fez, no Centro Espírita «Fé e Caridade, uma belissima conferência, abordando vários trechos do Evangelho com rara felicidade.

Do Correspondente.

—

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano —	Assinatura simples	20$000
— BRASIL	— Ano —	Assinatura registrada	25$000
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura simples	30$000
ESTRANGEIRO	— Ano —	Assinatura registrada	45$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :-: Rio de Janeiro